

O Vaqueano, de Apolinário Porto-Alegre

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Página do Gaúcho - O maior site sobre a cultura GAÚCHA na internet <<http://www.paginadogaicho.com.br/>>

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <parceiros@futuro.usp.br> ou <voluntario@futuro.usp.br>.

O VAQUEANO Apolinário Porto-Alegre

Capítulo I - Paisagem morta

O inverno desatava as madeixas emperladas de gelo, tão triste que magoava o coração e despertava idéias sombrias, como céus e e terras.

Não sei que íntima e mística afinidade existe entre a natureza e a alma humana, que a morte-cor de uma se reflete na outra como em bacias de límpidas águas, que o múrmur surdo e merencório desta, como num tímpano, encontra ecos naquela.

O inverno é um cemitério! Sazão de morte que não poupa a terna vergôntea, nem as catassóis da asa do colibri! Por isso o calafrio que se sente quando ele se aproxima, o terror que vaga na floresta e na campina, a palidez do manto de verduras, a ausência dos cantores plumosos. . . e depois o minuano! Como é cruel, ele que fustiga a árvore secular, quee aspergia doce sombra no ardor da sesta, até lhe arrancar uma por uma as folhas de seu diadema! Que cresta a várzea há pouco vicejante alfombra! que torna a linfa de onda argentina e anodina, fria como uma geleira, silenciosa como um ermo, ingrata ao lábio na exsiccção da sede!

Quem pode amar-te quadra sem sombras, brisas, cantos e flores? Período que espasma a vida e congela a flor das alegrias? Só quem não sente, alma embotada para as sensações brandas e suaves, que rodeiam a existência de uma gaza transparente e rósea que se chama poesia!

Era no dia 14 de julho.

O sol cambava. O raio do crepúsculo, cirio que vela um ataúde, lambia a face da Terra. Expressão de agonia, lampejo precursor da morte, ia deitar-se o pai da natureza.

Quem então o visse diria que buscava o leito de descanso, numa sepultura imensa como ele próprio, às profundezas do infinito. O cenário sobre que pairamos não recendia menos tristeza.

Eram os campos de Vacaria.

Ao norte o rio Pelotas arquejava, descontando, febrilmente um réquiem, ao sul o Taquari o acompanhava em notas não menos lúgubres; de um lado o lombro verde-negro da serra Geral, interceptando o horizonte; do outro o Mato Português, cuja respiração simulava o paroxismo cruel de leviatãs que estrebucham. O teto - o céu, cujas fimbrias eram as brumas alvacentas de leve coloridas.

Ajuntai o efeito dos troncos quase desnudos de roupas em pé no lusco-fusco da tarde, fantasmas dos séculos estendendo longos e musculosos braços para todas as direções, sacudindo, ao sopra do pálido arrebol, as barbas grisalhas e venerandas, ajuntai mais o mio, ora profundo e cavernoso da onça, ora estrídulo e agudo da jaguatirica, o solfejo áspero e atoador do itanha, o piar agoureiro das corujas, o bramido do minuano que fazia ranger os estípites e galhada da selva, que revolvia os capinzais como oceanos, e tereis o quadro senão completo, em miniatura ao menos.

Ali só uma realeza que contemplava outra realeza.

Ali só o urutau sentia efusões, porque ainda tênue dilúculo de luz lhe banhava a retina, embora mortiça e gélida. Feliz vivente que passa os dias de modo tão estranho! Rompe o dia e ei-lo a saudar a aurora, ei-lo seguindo com a pupila ardente o astro-rei no seu itinerário pelos dédalos da imensidade.

Não sei por que, mas amo-te, ave das solidões do meu berço, anacoreta das florestas natalícias.. Talvez traduzas um emblema sublime! ... A noite desceu. O firmamento era um pavilhão de azul semelhante ao das voragens marítimas, os troncos que cercavam os campos da Vacaria eram suas colunas. As estrelas que o esmaltavam encobriam-se por vezes, como em brancas mortaldas, nos capulhos de nuvens que deliravam nos páramos infindos.

Caía neve em flocos. O frio, intenso. O mistério daquela natureza recolhida e inânime, profundo e terrível. Não tinha só a melancolia do deserto, o vago e indefinido, que coam na alma as savanas e matas americanas, tinha mais o tom baço, a desoladora taciturnidade, a paralisia, a inércia, a aparência de cadáver, que ressaltam da quadra hibernal. Só quem viajou por noites assim através do ermo selvagem pode compreender a expressão aziaga que lhe é própria, os sentimentos inefáveis que ele desperta, expressão e sentimentos que jamais a linguagem conseguiria reproduzir, são tão indescritíveis! Então cada folha, cada filamento de relva, cada seixo parece ter um segredo medonho a contar um cochicho de torva ameaça! Tudo se anima, tudo fala.

O rochedo agita-se, caminha, rodeia-nos e solta uma gargalhada de infrene sarcasmo. A árvore tem o gesto iracundo. O vendaval ruge uma blasfêmia em cada lufada. E o viajante acha-se cercado de calibans e pavorosas lâmas. A noite, o inverno e a solidão o amesquinham à face do mundo e à face de Deus. Ao resfriamento do corpo aduna-se o resfriamento da moral.

O homem é um autômato. Nem o próprio indígena que ali nasceu, vive e há de morrer não se isenta do terror supersticioso; ele mesmo crê em maus gênios que povoam o sertão. Ele mesmo é um átomo que transcende no pensamento, porém fraco e pueril ante as maravilhas de Deus nos seios da criação virgem e grandiosa.

Capítulo II - A marcha

De repente na treva sulcou uma centelha.

Crer-se-ia que fora ferida uma pederneira.

A faísca inoculou-se, tomou corpo, distendeu as formas e logo depois uma língua de fogo serpenteou rápida, crepitou momentos lutando com regelo atmosférico e, ao fim, uma labareda flutuou os ígneos penachos.

Meia hora decorrida a ourela dos matos da serra Geral forma uma faixa luminosa.

Então distinguiram-se vultos que cruzavam o ambiente iluminado.

Acerquemo-nos.

Dois homens estão junto a uma das fogueiras. Tomavam mate.

Um de contornos amplos e estatura regular tinha a fisionomia franca, jovial e insinuativa do campeiro rio-grandense.

Por sobre a farda trazia o poncho de pano azul forrado de baetilha e gola de veludo, que em outro seria agaloada, porém, nele, atenta sua simplicidade de costumes e maneiras, apenas rematava por singelo trancelim. Todavia os alamares eram de prata. E a razão é óbvia: este metal na província não é a insígnia distintiva de certas classes, tanto se o depara na cabeçada do lombilho do estancieiro como na do último da peonada. Ricos e proletários ostentam-no com garridice.

As pratarias constituem o ponto de contato entre uns e outros, o laço de irmandade das diferentes hierarquias.

Cobriam-lhe a perna e o pé altas rossilhonas, que, desfraldadas de sobre o joelho, vinham terminar em vigorosas chilenas também de prata, armadas de farpantes e rufadeiras rosetas.

O outro personagem de porte elevado, porém robusto e esbelto, trazia uma capa traçada na omoplata. Seu rosto não enganava à primeira vista. Parecia destacar duma eterna iluminura, dessas que passam intatas através dos séculos.

Exuberava irradiações deslumbrantes de toda a fisionomia. Era como a personificação, a apoteose viva do gênio da liberdade.

Quando chegaremos? - dizia o último com pronunciado sotaque italiano. - Estou que quanto mais andar, melhor será. O inimigo não deve acordar antes que cheguemos. Pois em negócios de guerra, penso como Napoleão, a rapidez, o imprevisto, que trazem sempre uns ares de milagre, fazem mais do que os mais bem disciplinados exércitos.

- De acordo, mas você crê então que não vamos de carreira batida? Amigo, vamos que nem chimarrões esfomeados atrás de carneação.

- Não digo o contrário, caminhamos a marcha forçada, bem o vejo; quem sabe, porém, os rodeios que fazemos, quando podíamos encurtar a distância indo em linha reta.

- Aí vem você com suas retas! Não conhece o vaqueano! Guia guapo como ele, não o há em toda a redondeza.

- Realmente; podemos ainda interrogá-lo.

- E já... Vai ver como é aquilo. Não se desmancha nem pelo diabo.

E acenou para um soldado de sentinela.

O soldado achegou-se.

- Chama-me de lá o vaqueano. - E pela vigésima vez encheu a cuia. - O que me admira - ponderou - é como estou verdeando tão maldita caúna. - Momentos depois veio o reclamado.

Não haverá caminho mais curto daqui a Laguna?

O interrogado respondeu com um leve meneio afirmativo da cabeça.

- Por que não o tomaste então?

- Posso ir.

- E por que não foste desde o princípio?

- Perderíamos mais de metade da gente.

- Como?

- Bugres, onças, rios invadeavéis, lagos e correntezas, taimbés, banhados...

- Que tem isto? Chegaremos em menos tempo.

- Mais seis dias, se não houvesse estorvos e embromações; quinze ao contrário.

O primeiro interlocutor refletiu e aventurou mais uma interrogação:

- Conheces bem o caminho?

O semblante do moço passou por súbita metamorfose. As feições contraíram-se e logo por interno esforço distenderam e ficaram imergidas num véu de funda melancolia. Foi efêmera convulsão.

- Se conheço?! - replicou. .. E entre dentes murmurou com voz dolente - Antes nunca o conhecesse!

- Retira-te, estou satisfeito.

- Não te disse, Garibaldi?! Quem lá tem a cabeça do vaqueano? Chuega, é um livro! Até guarda de memória as macegas e pedregulhos das estradas. No sertão não há picada pela qual ele não se meta.

- Do que ele não gosta muito, Canabarro, é de falar. Dá sempre as respostas pelo meio.

- Venetas... É um tanto xucro... Também no mais é um homem, como se deseja.

Os republicanos com grandes vitórias adquiridas em 1838, mormente a do Rio Pardo, em 30 de abril, onde reunidas as forças de Neto, Canabarro, João Antônio da Silveira e Bento Manuel fizeram retirar o exército imperial comandado pelo general Sebastião Barreto Pereira Pinto, quiseram estender a área dos combates, e para tal intuito determinaram tomar a Província de Santa Catarina.

Aí vão eles, agora que os encontramos, executar o plano concebido.

Capítulo III - Avençal

José de Avençal!

Quem então o não conheceu, não por semelhante nome, mas pelo de Vaqueano, que vinha da profissão?

Era uma natureza admirável, não tanto pelas amplas manifestações dos músculos de ferro, como pela perícia e inteligência com que guiava os exércitos da República, e a grandeza e bondade do caráter.

Também jamais houvera rio-grandense que, como ele, conhecesse a Província. Não lhe escapava uma jeira de terra, ainda mesmo perdida nos ínvios sertões ou em banhados de largo perímetro. Tinha a memória fiel até para as nugas locais. Era uma verdadeira vocação. Seu calendário de nomes abraçava do capão sumido na campina à restinga do mato ou arroio de exíguos cabedais. Constituía de per si o mais exato arquivo topográfico, um mapa vivo e pitoresco.

Sempre sorria, quando os companheiros, ante a floresta, em que o taquaruçu crescia úmido, atado às árvores gigantes por fortes cipós e entretecido de finas e mimosas enredanças, exclamavam:

- É impossível!

Quando paravam desanimados na presença dos alcantis da cordilheira ou das barrancos de caudaloso ribeirão, ainda repetiam a frase de desalento.

Sorria.

E o sorriso que lhe rugava o lábio era a craveira de sua grandeza e superioridade.

Nos misteres campeiros ninguém o excedia. Iguais os encontrava, melhores nunca. O homem que nas brenhas brincava com o guará, o tigre e o tapir e os subjugava ao braço como tenra criciúma sob a pressão do vento, que receio teria do potro indômito e bravo e do boi xucro e de pontas aguçadas?

Nos manejos de guerra não ficava somenos. A lança de duas braças de longura vibrava o bote tremendo, o pistolão atravessado na guaiaca poucas vezes errava o tiro na andorinha que cortava os ares. Mas quando expandia o rosto era ao ver a rodilha do lago revoltear no espaço e logo como uma jibóia aérea se distender, se enrizar, cingir o corpo da vítima, retê-la no ímpeto da carreira, sofreada nas contrações da sanha, envencilhá-la em estreito amplexo e estrangulá-la quase, abatendo-a, vendo-a humilde render-lhe homenagem; ou quando, as bolas em punho, rodeado de adversários, ia derrubando um por um, a golpes terríveis. Essa arma de nossos camponeses realiza para o homem o que realizavam as batistas e catapultas antigas para as muralhas. Onde batem, fazem uma brecha e há quase sempre uma agonia.

Trazem só uma dificuldade, o saber esgrimi-las, e esgrimi-las não é atirá-las que é de uso ordinário.

Para os companheiros de acampamento, Avençal, o Vaqueano, tinha um bom lote de defeitos imperdoáveis. Não falava senão em caso de extrema necessidade, não bebia, jogava menos e fumava pouco ou nada. Já se vê que devia forçosamente ser censurado, vivendo na turba soldadesca, gente que tem por vida o presente como um pêndulo oscilante entre a botija, amante de afagos e sonhos inesgotáveis, e o baralho, distração necessária para esparecimento dos sentidos nas horas vagas. Mas nem por isto era menos querido e admirado.

Supunham-lhe todos uma história negra, fastos de tempos idos, cujas lágrimas ainda transpareciam apesar da distância; porque o viam geralmente recolhido em profundas e melancólicas cismas que lhe amarguravam a existência. Não ria, sorria apenas, o que com bem largos intervalos se dava.

Admitiam uma hipótese, e portanto variável como todas as hipóteses, mas a tinham como verdade à luz meridiana.

Teriam razão?

o filósofo feito a formas dialéticas poderia debalde pregar-lhe largo sermão sobre o atentado, pregaria no deserto; que eles, seguindo-o como instinto campeiro, faculdade de longa vista moral que lobriga na treva de, passado e nas névoas do futuro, iriam teimosos após sua idéia.

O pressentimento faro do desconhecido que nos preocupa, tornado certeza por misteriosa elaboração no espírito do homem da natureza, elaboração em cujo processo entra mais o sentimento do que a razão, os camaradas do vaqueano envidavam todos os meios para fazê-lo falar sobre o passado. Quando isto acontecia, viam-no estremecer e barafustar de pranto.

Frustraram-se as mais bem combinadas tentativas. Nos combates era o delírio personificado. Em certo dia, um oficial que o vira lançar-se na peleja dissera admirado: - Aquele homem tem a febre da morte. No entretanto, talvez tanta audácia constituísse um escudo impermeável ao ferro e às balas. Saía sempre incólume, ainda que pesaroso. O leitor pode pôr em dúvida o que levamos dito, julgando fantástica criação que esfrola o cérebro ardente de poeta.

Engana-se.

Os principais traços característicos de fisionomia que esboçamos de leve são tão reais, que os encontramos a cada passo em nossa Província, desde o posteiro até o senhor da estância, desde a existência errante do tropeiro até a existência sedentária do guasqueiro ou trançador de lonca. O que há de mais é a cor do mistério, a sombra da intensa melancolia que o destaca do tipo genérico. Não mais do que a ação de um drama nefasto.

Capítulo IV - A canguçu

Sigamos o vaqueano.

Vai cansado da conversação que tivera, ainda que nas respostas denotasse verdadeiro laconismo.

Aproxima-se de um grupo em torno do brasio, aquecendo os membros engelsados de frio.

- Que novas? - repetiram quatro ou cinco vezes repassadas de curiosidade. Ele por única resposta encolheu os ombros. Os outros o compreenderam; porque encetaram nova palestra, emborcando de vez em quando uma chaleira na boca de duas cuias que percorriam a roda.

- Chimarrão sem churrasco é laço sem argola ou relho sem açoiteira - ponderou sentenciosamente Manduca Pereira, célebre domador de Caçapava.

Os outros aprovaram com vivos sinais de assentimento e reflexão do companheiro.

- Laço sem argola! Antes mato sem madeira - acrescentou um lenhador que havia trocado por circunstâncias imprevistas o machado do trabalho pelo ferro dos combates.

- Lança sem lançeiro! - regougou enfaticamente um negro, hércules de porte, pertencente à arma citada.

- Deus enfim se amerceie de nós, porque nesse andar morremos de fome antes de lá chegarmos - tornou outro do rancho. -

Pensem vocês o que quiserem, que eu cá, de mim para mim, vejo em tudo isso alguma praga de urubu.

- Não mata cavalo, por Deus, o digo!

- Mate ou não mate, o que é certo é que sete horas vão e nem um naco de charque nos passou pelo gasganete. Chimarrão sem churrasco! E por cima ainda ordem de não sair do acampamento para caçar! - insistia o lenhador.

- Não caçar!

- Hão de ver que lá o general há de ter...

- Cala-te, língua de caramuru - atalhou o Manduca -, não sabes o que dizes.

Um vulto, saindo da sombra, fulminou-os.

- Camaradas, o general não tem maior razão que vocês e, enquanto ele corre o acampamento, o lonqueais sem piedade. O que não quiser assim, monte no pingo e se vá aos pagos, com os diabos!

O murmurador amerceu a cabeça, corrido e envergonhado do tremendo carão à queima-roupa. E, como não tinha botões, disse aos alamares do poncho: Hépuxa! Se não fosse o general, outro homem não me falaria assim com tanta soberbia. E amimou o cabo da adaga na cinta.

Ao atravessar, Canabarro vira o vaqueano, e, lembrando uma incumbência para ele no dia seguinte, achegou-se para falar-lhe. Ouvira então o que conversavam sobre ele próprio.

- Bem, João de Deus, outra vez o deixo aqui nos bamburrais; e voltando-se para Avençal:

A que distância estamos da estância do finado Juca Capinchos?

O mancebo empalideceu e redargüiu com custo:

- Três léguas.

- Amanhã, você, ao apontar as barras do dia, irá ver trinta cavalos e outras tantas reses de que precisamos.

- Eu?!

Era uma interjeição e uma interrogação dum jato, grito espontâneo arrancado do imo do peito, revelação luminosa que a rude energia moral do campeiro não pôde recalcar e sofrer no momento. A hipocrisia oficial das cidades é que sói bronzear a face na manifestação dos sentimentos.

- Sim - tornou o general, retirando-se, sem notar o efeito que produzira a ordem. Avençal tinha o semblante lívido.

- É impossível, meu Deus! - exclamou fora de si. - É impossível! Não irei... matem-me embora.

Os outros o contemplavam admirados. Viam-no falar sobejante, ainda que não compreendessem o sentido da negativa.

O ambiente glacial daquela zona repercutiu com um berro vibrante e formidável. Era um canguçu atraído, quem sabe, pela fome ou pela iluminação da mata. Eles entreolharam-se.

- Má visita, patrícios.

Uma centelha fugiu dos olhos do vaqueano.

- Quem ousa matá-lo? - perguntou.

Ninguém tugi.

Até o negro lanceiro se envolveu mais cautelosamente em seu bichará de mostardas.

Ele sorriu com o lábio crispado de insânia. A propósito chegava com dois cães um caboclo de origem charrua, chamado vulgarmente: o Manuelzinho.

- Saíra a tentar a caça.

- Eu iria - disse o índio - se a onça nos desse ao menos um bom matambre.

- Irei só, Manuelzinho, dá-me os cachorros.

- Só, não - acudiram todos. - Vamos acompanhar-te.

- E a ordem do general?

- A fome é lei. Nós havemos de conchavar sem pinotaços.

- Pois bem, prometo que, morta a onça, irei buscar bons assados.

Avençal paupou a faca revesada na guaiaca, tirou-a da bainha e experimentou o fio na palma da mão. Guardando-a, foi junto aos arreios e tomou as bolas de pedra retovadas de pele de lagarto. Estirou os fiéis, reviou-os e viu-os firmes. Para complemento dos preparos, desenfiou o poncho e atou-o à cinta à guisa de chiripá. Os outros armados de espingardas, pistolões e lanças, o seguiram. O que é admirável é que tais homens tinham queixas para tudo, menos para o tempo terrível e ao qual pareciam sobranceiros. Falavam de quaisquer outros incidentes, menos, porém, do frio intenso que cortava.

Capítulo V - Os guaicanãs

Pálida e triste ergueu-se a lua.

Entranharam-se na serra.

A fera continuava a estrugir a restinga em pouca distância.

Os cães que a farejaram pressentiam-na.

Estava entre dois galhos que se bifurcavam no cimo de um pé de angico.

Seus olhos fulgiam no obumbramento da floresta como dois carbúnclos.

O sítio apresentava um raleiro de mato, tendo ao lado do angico duas timbaúvas gêmeas, despojadas da folhagem pela bafagem do inverno.

Apenas descoberta, Manduca levou a arma ao ombro; o vaqueano abateu-a, observando.

- Não te pertence, o combate é só comigo.

E galgando uma das árvores fronteiras com a rapidez duma irara foi postar-se em face da alimária cervical, disposta a vender bem cara a vida.

Manduca sentiu calafrios correrem-lhe os membros, vendo o perigo em que se achava o companheiro, ergueu de novo a arma maquinalmente e um tiro reboou. Mas a pontaria feita no meio da cabeça foi ferir uma orelha do animal por culpa do charrua, que pusera a mão, gritando:

- Deixa o vaqueano, homem! Ele sabe o que faz.

A onça soltou um rugido, uma medonha berrançada, diapasão da sanha, fúria e vingança.

Ia saltar sobre o grupo, que já tomava a defensiva. Avençal arrimou o corpo a um galho a prumo, tendo os pés apoiados em dois outros horizontes. Tinha a manica das bolas na mão direita e estas pousadas no peito do pé.

O animal firmava-se para formar o tranco.

Ia devorar a distância. Uma das bolas, impelida pelo pé, sibilou como uma serpe, cruzou o ar como um corisco e bateu-lhe na paleta, no momento de saltar. A fera raivou com a pata suspensa, vacilou, firmou-se nos jarretes que lhe ficavam intatos, endireitou para o moço, rompeu o espaço do angico para a timbaúva. Em meio, antes de atingi-lo, foi um turbilhão. A outra bola célere partiu, alcançou-a, fracassou-lhe as mandíbulas, e ela caiu no chão entre o grupo atônito dos outros soldados.

Avençal, sobraçando a arma fulminante, murmurou consigo:

- Matei-a por defendê-los. Eu devia vir sozinho.

Súbito um vulto deslizou na penumbra. Parecia um réptil. Ergueu-se junto ao canguçu, se debatendo em horríveis vascas, e cravou-lhe uma faca no coração até o cabo.

O movimento foi tão presto que os aventureiros estatelaram. Quando saíram desse estado, torpor d'alma e dos sentidos, estavam presos. Um círculo de índios guaicanã rodeava-os.

- Amarrem - estrugiu uma voz de estentor.

- Moisés! - exclamou o vaqueano.

- Quem me chama?

- José, não te lembrás?

- Avençal! - disse e em pouco os dois homens se abraçavam com profunda emoção.

Seus olhos manejavam copioso pranto. Os corações estreitados pulsavam com veemência. Não lhes foi possível articular mais uma palavra.

É que os sentimentos enérgicos, quer de júbilo, quer de pesar, sonegam na laringe as prolações que poderiam traduzi-las.

Capítulo VI – Moisés

Moisés era um mulato, cuja vida desde a infância passara na caça.

Não havia na Província mais perito e experimentado caçador. Raro era o mês que não fazia descer aos portos mais freqüentados e comerciais, pelo menos, dez peles, ramo de negócios que, de sobejo, satisfazia as suas necessidades.

Uma exígua e diminuta horda indígena, pálido resto da antiga nação guaicana, obedecia-lhe como a seus tradicionais caciques, recebendo em retomo da submissão, além da amizade sincera e leal, imensos favores do mestiço. Também ele fazia consistir toda a felicidade e alegria de sua existência naquele mundo à parte que criara para si. Casara há quatro anos com uma das mais gentis índias da tribo, e o novo laço mais reatara as relações que existiam.

Todo o poder de Moisés provinha menos do extremo valor e inteligência superior que incutiam respeito aos índios, que da gratidão pelo amor e simpatia que sempre lhes tributava. Nem há melhores penhores que os das dívidas do coração.

Quando rebentara a revolução, procuraram atraí-lo de ambas as parciaisidades; porém, convicto de que os brancos que o desprezariam em qualquer outra ocasião, o chamavam agora por mero interesse ou para constituído ignóbil instrumento de suas lutas, teve a coragem e sabedoria de repulsar os encantos mágicos das promessas.

Respondeu que era bastante rico nos matos para desejar maiores posses e quanto às idéias que se debatiam entre os dois partidos, lhe eram indiferentes: porquanto a cor que trazia no rosto de per si o afastava da comunhão dos brancos, onde seria considerado com desprezo.

As derradeiras palavras aos mensageiros merecem ser lembradas:

- Liberdade?! Quem é mais livre do que Moisés na serra, onde não há ódio de raças? Onde o homem domina a terra, onde o amigo não mente ao amigo e a mulher não mente ao marido? Não quero mais liberdade do que tenho. Vede. Desde o cerro ali dependurado até o fundo dos taimbés, isto me pertence. Piso a pedra que traz o ouro e a tiro longe. E é isto que vindes oferecer-me? Parti, adeus. O mulato vive bem nas brenhas.

Eis o estereótipo do novo personagem.

Seu caráter ai se reproduz.

Quando as duas turmas toparam na selva e se seguiu o reconhecimento de Avençal e Moisés, este bradou aos asseclas:

- Soltem os homens.

Feito isto, voltou-se para o vaqueano, dominado por luridas e negras recordações.

- Então, José - pronunciou com carinho e expressão paternal -, como depois de doze anos vim encontrar-te em minhas terras?

- É simples, Moisés, não viste os fogos nas abas da serra?

- Vi e vinha para campear, quando um tiro me dirigiu para aqui.

- Pois são as forças do general Canabarro; faço parte delas como vaqueano.

- E o encontro aqui?

- Não tivemos hoje ração de carne; convidei a meus companheiros para tentarem a caça.

- De tigres?!

- Escuta - e em tom baixo prosseguiu -, o general ia mandar-me amanhã à estância de José Capincho. Sabes que me era impossível, por isso ataquei a fera com a firme tenção de deixar-me ferir. Nesse estado, outro iria. Devia vir sozinho.

- Caramba! E não pensaste em mim?

- Eu não penso mais, Moisés, desde aquela noite. .. Oh! Não a lembro sem me arrepiar as carnes. Desde então procuro a morte e a morte zomba de mim! Pobre Rosita!

- Não tenhas cuidado, José, ela e o irmão ainda ficaram por cá dois anos; depois venderam campos e gadaria e ninguém mais falou deles, nem soube notícias.

- Nem desconfiam para onde foram?

- Não.

- Rosita deve amaldiçoar-me.

- Qual! rapaz. A doninha por ti era capaz de conchavar alma com o demo.

O caçador, notando que o assunto o mortificava, quis distraí-lo.

- Vamos a meus pagos; distam daqui vinte quadras. Lá temos bons assados de veado, tatu, anta e o mais que queiram.

- Ainda bem, que desde ontem não temos uma rês para carnear - refletiu Manduca.

- Com um tempo assim o gado retirou-se para o mato.

Pouco depois se puseram todos em marcha para a de Moisés.

Demorava a habitação do mulato numa clareira circular, impenetrável e oculta para qualquer outro que não fosse ele ou sua gente. O arvoredo, naturalmente cercado de grossos e longos cipós e pamponosas trepadeiras, tinha recebido retoques artísticos!

Assim, uma cinta de bambus cerrava o âmbito de tal modo que uma saracura ou galinhola com dificuldade romperia o ordume de folhas e espinhos. Em seguida a esta defesa que forrava o exterior, na parte interna via-se uma estacada de pau-a-pique, cujas extremidades chanfravam, formando perigosas puas.

Também a entrada não era por ali.

Dum lado desatava-se um cordão de rochedos alcantilados. Entre eles destacava uma larga fenda, conseqüência dum raio ou de abalo na crosta do globo.

Parecia sumir-se nas entranhas da terra, mas quem penetrasse por ela depararia um conduto ou via subterrânea de cinco a seis braças, terminando numa rua assoberbada pela penedia, que, de fora erguida a pino, por dentro era acessível e de fácil subida. Constituía uma trincheira natural e inexpugnável pela qual se ia à clareira.

Aqui se desenrolava a taba, não estritamente como a dos selvagens, aperfeiçoada pela influência do mulato, marco miliário entre a civilização e a barbaria. As choças ou copés tinham janelas e portas e as últimas de altura que não obrigava a abaixar-se para entrar, como acontece geralmente nas moradas do gentio.

Farroupilhas e índios entraram e momentos após refestelavam-se em torno dum braseiro, onde o cheiro de apetitosa carne lhes prurira o olfato, prometendo em pouco dar o que fazer ao paladar.

Enquanto não começava o bródio, foram desentanguindo-se com alguns borrachões de chifre cheios de aguardente de palmito.

O vaqueano era o único que se mostrava sombrio no meio da alegria geral.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

